

## O TESTE DO DESENHO DA ÁRVORE: INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM NA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

FRANCISCO DE CASTRO CARNEIRO \*

*Tendo em consideração que determinadas instruções do Teste do desenho da Árvore constituem verdadeiras resistências à projecção devido ao seu carácter inductor, o Autor foi levado a procurar uma instrução o mais neutra possível.*

*Um efectivo de 72 adolescentes franceses normais do sexo masculino, com idades que vão dos 12 aos 17 anos inclusive (12 indivíduos por grupo etário), oriundos dum meio sócio-económico médio e frequentando escolas do Ensino Secundário da região norte de Paris forneceu um total de 144 desenhos de árvores (2 desenhos por sujeito), mediante a seguinte instrução «desenhe uma árvore» (para o primeiro desenho) e, «desenhe ainda uma árvore» (para o segundo desenho).*

*Os desenhos obtidos foram analisados segundo duas variáveis, ou seja: a atribuição de um nome dado pelo adolescente à sua própria produção gráfica, e a representação gráfica de frutos.*

*À luz do tratamento estatístico realizado, o autor afirma que a instrução por ele experimentada merece todo o crédito e deve ser utilizada em razão da sua neutralidade e do seu carácter não sugestivo de representações.*

*O uso de determinadas instruções (pouco ou nada adequadas) está, certamente, na base do reduzido interesse de que goza o Teste do desenho da Árvore em comparação com outros testes projectivos.*

O presente artigo pretende mostrar, com base no Teste do desenho da Árvore, que a linguagem exerce influência na representação gráfica nos adolescentes e que, em consequência, surge a necessidade de recorrer a uma instrução o mais neutra possível aquando da utilização do dito teste.

Dois tipos de trabalhos constituem as nossas premissas, a saber:

a. uns que se situam a *nível do conteúdo* e consideram unicamente a *presença de frutos* no desenho da árvore, qualquer que haja sido a instrução (*indução indirecta*).

b. outros que se inscrevem mais directamente na *perspectiva do discurso* e dizem respeito à *atribuição de um nome de árvore frutífera dado pelos sujeitos*, a pedido do psicólogo, ao desenho da árvore por eles efectuado (*indução directa*).

De entre os primeiros citaremos R. Pasquasy, Carlo Perris e Ermanno Ducceschi. R. Pasquasy (Pasquasy, 1956, pp. 37 e 38), refere-se a um estudo realizado por A. De Bruyne, conselheira de orientação profissional, sobre um efectivo de 297 sujeitos, sendo a maior parte deles raparigas com idades que vão dos 11 aos 18 anos inclusive e habitando em Bruxelas, em que ela experimentou 2 das primeiras instruções usadas por Koch, respectivamente, «Desenhe uma árvore qualquer, contanto que não seja um pinheiro» e «Desenhe uma árvore frutífera» (Koch, 1949, p. 241). E o resultado foi que, se «com a primeira instru-

\* Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Investigador do I.N.I.C.

ção, ela obteve apenas 10% de frutos, com a segunda instrução houve cerca de 85% de sujeitos que desenharam frutos (Pasquasy, 1956, p. 37). A. De Bruyne acrescenta que esta última percentagem, aliás superior à apresentada por Koch, pode ser explicada, por exemplo, pelo facto de ela ter obtido todos estes protocolos na época dos frutos (Pasquasy, 1956, p. 38).

Uma outra investigação que convém indicar aqui é a de Carlo Perris (Perris, 1960). Um total de 418 desenhos de árvore de crianças normais (203 rapazes e 215 raparigas), com idades que vão dos 6 aos 13 anos inclusive, serviu-lhe de amostra. Os frutos apareceram aqui, presentes na árvore em 78,7% dos casos (77,8% nos rapazes e 79,5% nas raparigas) e a cair ou caídos em 3,5% dos casos (3,8% nos rapazes e 3,2% nas raparigas), quando — diz Carlo Perris (Perris, 1960, p. 245) — logicamente e tendo em conta que a instrução usada foi a de Koch (Desenhe uma árvore fruteira), seria de esperar que tais elementos estivessem presentes no desenho. O que equivale a dizer que a presença de frutos deveria rondar os 100%.

Resultados idênticos aos de R. Pasquasy foram encontrados por Ermanno Ducceschi (Ducceschi, 1966, p. 53) que afirma: pedindo uma árvore fruteira, aparecem frutos em 85% dos desenhos; e pedindo uma árvore, a percentagem de frutos baixa para 10%.

Poder-se-á deduzir, destes estudos, que as palavras levam a determinadas representações e que, por conseguinte, algumas instruções não devem ser usadas a fim de permitir aos sujeitos a possibilidade de desenharem a árvore que quiserem.

Bastante diferente é a perspectiva seguida por Leonore Loeb Adler. Um seu primeiro estudo incidiu sobre um total de 2906 desenhos de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos inclusive (1429 rapazes e 1477 meninas) e provenientes de 13 países dos 5 Continentes (Austrália, Brasil, Congo, Alemanha, Grécia, Irão, Israel, Japão, Antilhas holandesas, Filipinas, África do Sul, Estados Unidos da América e Jugoslávia). Todas as crianças frequentavam a escola e os desenhos foram recolhidos, em grupo, pelos respectivos professores. Às crianças era pedido um só desenho, segundo a instrução: «Desenhe ou pinte um quadro — ou qualquer paisagem a cores — com uma árvore fruteira» (Adler, 1967, p. 16). E na hipótese de a expressão «árvore fruteira» não existir na língua

materna, como sucede na Jugoslávia e na Austrália Aborígene, os tradutores deveriam pedir «...uma árvore de que os frutos sejam comestíveis» (Adler, 1967, p. 17). Terminado o desenho, cada criança era em seguida interrogada individualmente acerca do tipo de árvore fruteira que ela havia efectuado.

Este estudo evidencia como principais conclusões que:

- 1 - a macieira foi a única árvore fruteira escolhida em todos os países, quer em primeiro lugar quer nos 3 primeiros lugares, entre os 68 tipos diferentes de árvore fruteira.
- 2 - do conjunto dos 2906 desenhos, 1060 eram macieiras (36,5%). E em segundo lugar vem a laranjeira com 334 desenhos (11,5%).
- 3 - as crianças que habitam em países de clima tropical onde as macieiras não se adaptam, como é o caso do Congo e das Antilhas, preferem elas também desenhar macieiras.
- 4 - as crianças tendem em geral, a desenhar árvores que crescem na região onde elas habitam e que portanto lhes são familiares. Etc..

Um segundo estudo foi efectuado pelo citado autor sobre esta mesma problemática (Adler, 1968). E desta feita executou-se o teste-reteste em 2 fases. Aos 13 países do estudo anterior foram acrescentados ainda 11 outros, e obteve-se assim um total de 4314 desenhos, de acordo com o procedimento, a instrução e a distribuição etária atrás referidos. A categoria preferida, a macieira, obteve 1749 (40,5% do total dos 4314 desenhos) na primeira fase, o que equivale a dizer que esta árvore fruteira se encontrava entre as 3 maiores preferências dos 24 países. Foram assim confirmadas as conclusões do estudo anterior.

Com o objectivo de retestar a validade destes resultados, Leonore Loeb Adler tomou 465 destas crianças pertencentes a 7 países (Argentina, Austrália — somente Aborígenes — , Chile, Alemanha, Gronelândia, Perú e Estados Unidos da América) de 3 Continentes, às quais solicitou, utilizando a mesma instrução, 2 desenhos o que perfaz um total de 930. O segundo desenho (prova de reteste) foi efectuado, na maioria dos casos, um mês após o primeiro. Foram encontradas ao todo 32 variedades de árvores fruteiras, das quais, no primeiro teste, 209 (44,9%) são chamadas macieiras, e no reteste a percentagem desta árvore

fruteira foi sensivelmente a mesma, ou seja 41,7% (194). O recurso ao procedimento do teste-reteste demonstrou não só que a macieira ocupa sempre o primeiro lugar das preferências, como também pôs em evidência a ausência de diferenças significativas nas duas fases da experiência (Adler, 1968, p. 58).

Em artigo posterior (Adler, 1970), o autor mostrou claramente que o uso de lápis de cor podia influenciar grandemente não só a produção gráfica como também a denominação atribuída. Trata-se agora de um efectivo constituído por crianças de idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos inclusive que foram divididas em 2 grupos de acordo com a sua idade (188 compunham o grupo dos mais novos e 306 faziam o grupo dos mais velhos). A cada sujeito era pedido apenas um desenho, o que perfaz um total de 494. De acordo com o material empregue para realizar os desenhos constituíu-se 4 grupos. Assim:

Grupo I (132 crianças) — lápis de todas as cores.

Grupo II (115 crianças) — unicamente lápis de cor vermelha, azul e amarela.

Grupo III (118 crianças) — unicamente lápis de cor verde, castanha e laranja.

Grupo IV (129 crianças) — lápis de cor preta e caneta de tinta azul.

Pedia-se às crianças: «Desenhe um quadro, qualquer paisagem a cores (a cor era mencionada somente para os grupos I, II e III) com uma árvore fruteira» (Adler, 1970, p. 192). Após a execução do desenho as crianças eram convidadas a atribuir um nome à árvore desenhada. À excepção do grupo III onde a macieira vem em segundo lugar (16,10%) após a laranjeira que totaliza 66,95%, nos restantes grupos ela ocupa sempre o primeiro lugar (Grupo I — 53,03%; Grupo II — 53,04%; Grupo IV — 60,47%). Este estudo permitiu também concluir que, independentemente do factor idade, todas as crianças foram influenciadas nas suas representações de árvores fruteiras pelas cores de que dispunham.

Ora, acontece que se os estudos referidos em a) comportam lacunas devido ao facto de os seus autores se apoiarem no princípio de que uma árvore fruteira é identificada pela presença de frutos — o que quanto a nós é falso, pois os frutos só permanecem mesmo muito pouco tempo na árvore, e não todo o ano — , os apresentados em b) têm por outro

lado o inconveniente de influenciar os sujeitos através da instrução e do procedimento adoptados na medida em que o peso da linguagem sobre a representação gráfica é neste caso muito evidente.

Com o objectivo de ultrapassar esta dupla problemática, julgámos útil considerar não só a denominação atribuída pelos sujeitos aos seus próprios desenhos de árvore como também a presença gráfica de frutos nos referidos desenhos.

## POPULAÇÃO E METODOLOGIA

Um efectivo de 72 adolescentes normais do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos inclusive (12 sujeitos por cada grupo etário) e seguindo uma escolaridade normal em Escolas Secundárias de 3 departamentos franceses (Oise, Aisne e Somme) serviu-nos de amostra de estudo. Pertencendo a um meio sócio-económico médio, alguns deles provinham de famílias de emigrantes árabes, portugueses, espanhóis e polacos residindo há vários anos em França. Segundo os seus professores, nenhum destes adolescentes apresentava dificuldades importantes quer a nível da aprendizagem escolar, do comportamento ou do carácter.

Duas folhas de papel branco (210x270 mm), dobradas ao meio no sentido horizontal e apresentadas uma após a outra acompanhadas de uma caneta de tinta azul, constituíam o único material de que os sujeitos dispunham. A execução da prova era individual, sem limite de tempo e tinha lugar num gabinete bem iluminado, desprovido de plantas, flores, cartazes, quadros ou quaisquer outros objectos susceptíveis de influenciar a escolha, as dimensões ou mesmo a representação da árvore. Foram também tomadas todas as precauções necessárias para evitar que os sujeitos se apercebessem de árvores ou de plantas através da janela. Todos os desenhos foram recolhidos entre os meses de Março e Junho. Aos sujeitos eram pedidos 2 desenhos de árvore, o primeiro mediante a instrução «Desenhe uma árvore» e o segundo com a instrução «Desenhe ainda uma árvore». Após a execução de cada desenho era solicitado aos sujeitos para atribuírem um nome à sua produção gráfica. Obteve-se assim um total de 144 desenhos de árvore.

## RESULTADOS

A análise dos resultados vai processar-se em 2 tempos, a saber:

- representação gráfica de frutos.
- denominação dada pelo adolescentes aos seus próprios desenhos.

Quanto à representação gráfica de frutos — entendemos por fruto no desenho da árvore toda a representação que se assemelha a um fruto qualquer, seja ele a maçã, a pêra, a

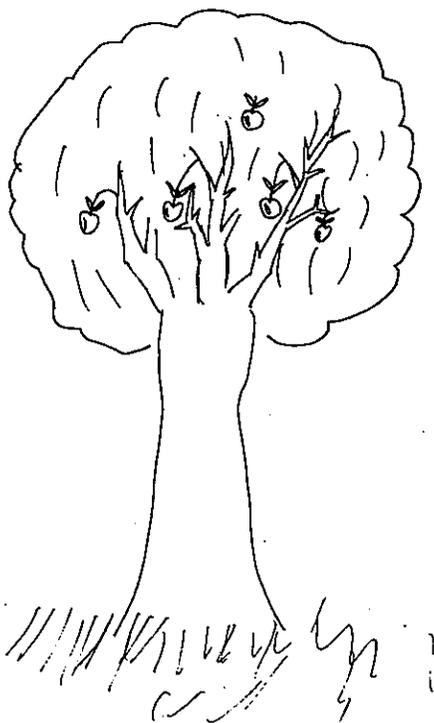


Fig. 1 — Frutos na Árvore

banana, etc., situado na árvore (Fig. 1), a cair ou caído (Fig. 2), bem ou mal desenhado e independentemente do nome atribuído — constata-se de acordo com o Quadro I que:

Quadro I — Presença de frutos, qualquer que tenha sido o nome atribuído à árvore.

	1.º Desenho N = 72	2.º Desenho N = 72	Total N = 144
N	9	16	25
%	12,5	22,2	17,4

- somente 25 dos 144 desenhos de árvore aparecem com frutos, o que faz 17,4% ( $X^2=2,37$ ,  $p=.75$ ,  $g.l.=1$ ).
- 9 destes 25 casos surgem ao primeiro desenho (12,5%) e 16 casos ao segundo (22,2%), nenhum destes valores sendo todavia estatisticamente significativo.

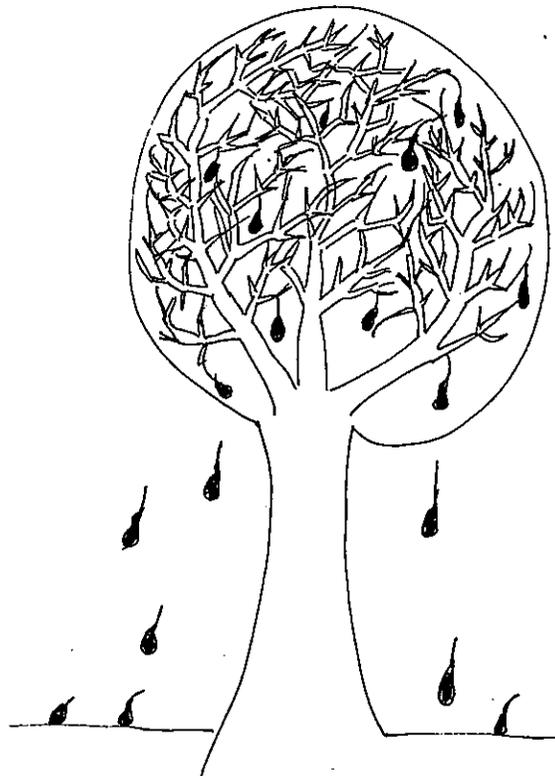


Fig. 2 — Frutos na Árvore, a cair ou caídos

Se todavia se excluir os casos onde há presença de frutos, mas em que a denominação atribuída pertence à categoria árvore não fruteira — o que nos parece bastante lógico pois pode tratar-se de frutos não comestíveis pelo homem, como por exemplo as bolotas ou as landras — e considerando unicamente a presença de frutos em árvores com denominação fruteira ou a que não foi dada qualquer denominação (Árvore sem nome), então os valores são ainda mais insignificantes (Quadro II) do ponto de vista estatístico ( $X^2=1,52$ ,  $p=.50$ ,  $g.l.=1$ ).

Quadro II — Presença de frutos em Árvore fruteira ou Árvore sem nome

	1.º Desenho N = 72	2.º Desenho N = 72	Total N = 144
N	7	12	19
%	9,7	16,7	13,2

Se — de acordo com alguns autores — apenas considerarmos como fruteiras aquelas árvores em que para além da denominação fruteira se encontram também representados os frutos, verificamos então que o número de casos é inferior (Quadro III) ao dos quadros precedentes.

Quadro III — Presença de frutos em Árvore fruteira

	1.º Desenho N = 72	2.º Desenho N = 72	Total N = 144
N	6	10	16
%	8,6	13,9	11,1

No que diz respeito à denominação dada pelo adolescente à sua própria produção, verifica-se a partir do Quadro IV que:

QUADRO IV — Denominação (e ausência de denominação) dada pelos adolescentes

Denominação	1.º Desenho		2.º Desenho		Total	
	N	%	N	%	N	%
Árvore fruteira	7	9,7	14	19,4	21	14,6
Árvore sem nome	39	54,2	22	30,6	61	42,4
Árvore não fruteira	26	36,1	36	50,0	62	43,0
Total	72	100	72	100	144	100

- é reduzido o número de adolescentes testados que atribuíram uma denominação fruteira aos seus desenhos de árvore (14,6%).
- outros adolescentes preferiram não dar qualquer nome aos seus desenhos de árvore (42,4%).
- outros, finalmente, atribuíram-lhes denominações não fruteiras (43,0%).

O tratamento estatístico destes valores permite evidenciar que existem duas preferências maioritárias (Árvore não fruteira e Árvore sem nome) por oposto a uma terceira categoria (Árvore fruteira), quer se trate do primeiro desenho ( $X^2=21,58$ ,  $p=.9999$ ,  $g.l.=2$ ), quer se trate do segundo ( $X^2=10,33$ ,  $p=.994$ ,  $g.l.=2$ ), quer finalmente no total de casos ( $X^2=22,79$ ,  $p=.9999$ ,  $g.l.=2$ ).

Vejamos também o que se passa dentro da categoria Árvore fruteira e dentro da categoria Árvore não fruteira. De acordo com o Quadro V obteve-se nove espécies de denominações fruteiras, donde emerge em primeiro lugar a macieira. Mas a sua presença não é estatisticamente significativa em relação às outras denominações ( $X^2=4,95$ ,  $p=.71$ ,  $g.l.=8$ ).

Quanto à denominação Árvore não fruteira (Quadro VI), o leque de denominações é aí mais alargado, aparecendo o choupo em primeiro lugar, mas sem que se possa falar de uma escolha estatisticamente significativa.

## DISCUSSÃO

As instruções para a aplicação do Teste do desenho da Árvore são bastante variadas. Algumas delas são mesmo bastante «limitativas» e parece não apresentarem a neutralidade mínima necessária à projecção do sujeito. Isso explica certamente a falta de interesse a que é

votado o Teste do desenho da Árvore em relação a outros testes projectivos de personalidade, como o Rorschach ou o T.A.T..

Quadro V — *Análise das diferentes denominações de Árvore fruteira*

Denominação	N	% (N/21)
Macieira	7	33,3
Cerejeira	5	23,8
«Árvore fruteira» *	3	14,3
Amendoeira	1	4,8
Coqueiro	1	4,8
Laranjeira	1	4,8
Oliveira	1	4,8
Pereira	1	4,8
Pessegueiro	1	4,8
Total	21	100

\* Denominação dada pelos adolescentes.

O presente estudo fornece alguns dados para a resolução desta problemática. Relembremos a este propósito as conclusões já atrás indicadas, a saber:

- os adolescentes por nós testados não tendem significativamente a representar frutos nos seus desenhos de árvore. Aliás a instrução empregue não fazia qualquer espécie de alusão (directa ou indirecta) a esse tipo de representação.
- esses mesmos adolescentes também não tendem a desenhar árvores fruteiras, ou melhor, a atribuir uma designação fruteira aos seus desenhos de árvore. Esta conclusão ganha ainda mais consistência se se considerar que eram pedidos dois desenhos de árvore a cada adolescente, e que é ao segundo desenho que os valores, embora sempre reduzidos, são no entanto mais elevados (1.º desenho, 7 casos, 9,7%; 2.º desenho, 14 casos, 19,4%).
- no conjunto das denominações «Árvore fruteira», a macieira, embora apare-

cendo em primeiro lugar, não reúne as preferências maioritárias dos sujeitos. Por outras palavras, estes tendem, significativamente, a atribuir outras designações fruteiras que não a macieira.

Quadro VI — *Análise das diferentes denominações de Árvore não fruteira*

Denominações	N	% (N/62)
Choupo	16	25,8
Carvalho	9	14,5
Abeto	6	9,7
Árvore de inverno	3	4,8
Árvore de primavera	3	4,8
Bétula	3	4,8
Chorão	3	4,8
Árvore de outono	2	3,2
Castanheiro	2	3,2
Palmeira	2	3,2
Pinheiro	2	3,2
Ácer	1	1,6
Árvore morta	1	1,6
Árvore sem folhas	1	1,6
Baobá	1	1,6
Cedro	1	1,6
Cipreste	1	1,6
Eucalipto	1	1,6
Faia	1	1,6
Freixo	1	1,6
Salgueiro	1	1,6
Tília	1	1,6
TOTAL	62	100

no conjunto das denominações «Árvore não fruteira» aparece o choupo em primeiro lugar, mas sem que se possa falar de uma escolha estatisticamente significativa. Deve no entanto salientar-se que esta frequência de casos não se insere, quanto a nós, na facilidade de representação gráfica que o choupo sugere visto que o critério de cotação não foi a forma do desenho da árvore mas sim a denominação atribuída pelos próprios sujeitos, já que esta variável é mais objectiva que a primeira.

Este conjunto de conclusões difere claramente dos resultados obtidos nos estudos já citados. Assim:

- no que diz respeito à presença de frutos, os estudos mencionados carecem de alguma precisão metodológica na medida em que, na cotação dos desenhos se tem apenas em conta a representação gráfica de frutos — e nós sabemos bem que há frutos não comestíveis pelo homem — e nunca a denominação atribuída à árvore.
- quanto à preferência da macieira, se Adler afirma que a criança tende *significativamente* a atribuir uma tal denominação quando se lhe pede para desenhar uma árvore fruteira, nós pudemos constatar que esse tipo de árvore fruteira surge também *prioritariamente* (mas não significativamente) quando os adolescentes decidem atribuir uma denominação fruteira à sua representação gráfica. Este desfazamento entre surgir prioritariamente sem ser significativo do ponto de vista estatístico e aparecer prioritária e significativamente terá provavelmente origem no carácter indutor da instrução de Adler em que o termo «fruteira» envia à maçã (e consequentemente à macieira) como sendo o fruto por excelência. Falta verificar se com uma população semelhante em idade à que foi testada por Adler, e empregando desta feita a nossa instrução, que resultados se obteria.
- emerge, como procedimento metodológico mais adequado quer sob o ponto de vista da cotação do desenho quer no que diz respeito à facilitação da projecção do sujeito, a utilização de uma instrução do género da que usamos.

Impõe-se por conseguinte o recurso a instruções neutras e não indutoras de representações ou de imagens de modo que o sujeito percepcione o meio ambiente e reaja em função dos seus próprios interesses, aptidões, hábitos, estados afectivos duráveis ou momentâneos, expectativas, desejos, etc. e possa assim projectar-se (Laplanche e Pontalis, 1963).

A instrução por nós empregue («Desenhe uma árvore», para o primeiro desenho e «Desenhe ainda uma árvore», para o segundo

desenho) preenche estas condições e encerra, além disso, as características formais de que fala Anzieu, a saber: «...comportar uma parte de vago; as respostas do sujeito e... a duração da prova são livres; a cotação supõe um sistema de personalidade implicitamente adoptado pelo corrector; a interpretação das respostas é tão qualitativa como quantitativa» (Anzieu, 1965, p. 3).

#### BIBLIOGRAFIA

- Adler, L. L. (1967) A note on cross-cultural preferences in children's drawings. *The Journal of Psychology*, 65, 15-22.
- Adler, L. L. (1968) A note on the cross-cultural Fruit-Tree study: a Test-retest procedure. *The Journal of Psychology*, 69, 53-61.
- Adler, L. L. (1970) The «Fruit-Tree experiment» as a measure of children's preferences of fruit trees under varied conditions of color availability. *The Journal of Genetic Psychology*, 116, 191-195.
- Anzieu, D. (1965) *Les Méthodes Projectives*. Paris: P.U.F., (2.ème éd. révue).
- Ducceschi, E. (1966) *O Teste da Árvore*. Porto Alegre: Editora La Salle.
- Koch, K. (1949) Le test du dessin d'arbre. In *Le Diagnostic du Caractère*. Paris: P.U.F., 241-249.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1963). Délimitation du concept freudien de projection. *Bulletin de Psychologie*, 225, XVII, 62-66.
- Pasquasy, R. (1956) *Le Baum-Test ou Arbre de Koch*. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- Perris, C. (1960) Caratteristiche del Test dell'Albero (Baum-test di Koch) in soggetti delle città scolare. *Rassegna Neuropsichiatrica*, 14, 237-266.

#### RÉSUMÉ

#### LE TEST DU DESSIN DE L'ARBRE: INFLUENCE DU LANGAGE SUR LA REPRÉSENTATION GRAPHIQUE

Considérant que certaines consignes du Test du dessin de l'Arbre constituent des résistances à la projection en raison de leur caractère inducteur, l'auteur a été amené à rechercher une consigne non suggestive de représentations.

Un effectif de 72 Adolescents Français Normaux du sexe masculin, âgés de 12 à 17 ans inclus (12 sujets par tranche d'âge), issus d'un milieu socio-économique moyen et fréquentant des Centres d'Enseignement Secondaire de la Région Nord de Paris a fourni un total de 144 dessins d'arbre (2 dessins par sujet), selon la consigne suivante: «Dessinez un arbre» (pour le premier dessin), et «Dessinez encore un arbre» (pour le second dessin).

*Les dessins obtenus ont été analysés en fonction de deux variables (attribution d'un nom donné par l'adolescent à sa production graphique, et représentation graphique de fruits).*

*Appuyé sur le traitement statistique, l'auteur affirme que la consigne par lui expérimentée doit être utilisée en raison de sa neutralité et de son caractère non inducteur de représentations. L'emploi de certaines consignes (non appropriées) explique, certes, le peu d'intérêt accordé au Test du dessin de l'Arbre par rapport à d'autres tests projectifs.*

#### ABSTRACT

##### TREE DRAWING TEST:

##### INFLUENCE OF LANGUAGE OVER GRAPHIC REPRESENTATION

*Taking into account the fact that certain instructions in the Tree Test hinder projection owing to their inductive characteristics, the author tried to*

*find an instruction which did not suggest any representations.*

An effective number of 72 normal French male adolescents, between 12 and 17 years of age inclusive (12 subjects of the same age in each group), originating from a middle class socio-economic background and attending Secondary Schools in the Northern region of Paris, produced a total of 144 tree drawings (two drawings per subject), according to the following instructions: «Draw a tree» (first drawing), and «Draw another tree» (second drawing).

According to the statistical analyses that were carried out, the author asserts that his instructions are reliable and should be used given their neutrality and the non-suggestive features of the representations.

The use of certain instructions (few or even completely inadequate) is, probably, the reason for the reduced interest of the Tree Drawing Test among professionals when compared with other projective tests.